

REPRESENTATIVIDADE NEGRA NOS ANOS INICIAIS: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO COM A BONECA ABAYOMI

Yahmell Cristhine Machado Cardoso ¹
Solange Pereira Silva ²

RESUMO

Este relato de experiência apresenta uma prática pedagógica realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto voltado para a alfabetização e letramento nos anos iniciais na perspectiva da educação para as relações étnico-raciais. O trabalho foi desenvolvido com uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental e consistiu na criação e utilização de um recurso lúdico adaptado do conto da boneca Abayomi, que simboliza resistência e representatividade negra. A proposta buscou integrar a aprendizagem do sistema de escrita e seu uso social com a valorização da cultura afro-brasileira, alinhando-se às diretrizes que orientam a educação antirracista no Brasil. A metodologia adotada incluiu a contação da história por meio do livro adaptado, a confecção da boneca com tiras de tecido, preservando a técnica tradicional, e uma roda de conversa para estimular a reflexão sobre identidade, diversidade e combate ao racismo. Os resultados indicaram grande engajamento das crianças durante as atividades, com avanços na oralidade, ampliação do vocabulário e desenvolvimento da coordenação motora, além do fortalecimento da autoestima e da construção de uma consciência crítica desde os primeiros anos escolares. A experiência evidencia a importância de recursos pedagógicos culturalmente significativos que possibilitam uma aprendizagem mais contextualizada e inclusiva, reforçando o papel do PIBID como espaço formativo para futuros docentes comprometidos com a equidade racial e a inovação pedagógica. Dessa forma, o trabalho contribuiu para a discussão sobre a efetivação da educação para as relações étnico-raciais na alfabetização e letramento, apontando caminhos para práticas educativas que promovam a valorização e o respeito pela diversidade cultural.

Palavras-chave: alfabetização e letramento, relações étnico-raciais, representatividade negra, cultura afro-brasileira, educação antirracista.

INTRODUÇÃO

O presente artigo resulta de uma experiência desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vinculada ao subprojeto voltado à alfabetização e ao letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com foco na educação para as relações étnico-raciais. A proposta teve como objetivo contribuir para a formação dos

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação e Ciências Humanas do Campus Universitário do Marajó Breves da Universidade Federal do Pará - UFPA, mellcardosoe13@gmail.com;

² Professora orientadora: Doutora na Faculdade de Educação e Ciências Humanas, Curso de Pedagogia. Universidade Federal do Pará - UFPA, solangesilva@ufpa.br



licenciandos em Pedagogia e, simultaneamente, para o desenvolvimento integral das crianças, articulando práticas de leitura, escrita e valorização da diversidade cultural e racial no espaço escolar.

A experiência foi realizada com uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, no dia 17 de março de 2025, em uma escola municipal de Ensino Fundamental localizada no município de Breves, na região do Marajó, no Pará. O recurso pedagógico utilizado foi uma adaptação autoral do conto da boneca Abayomi, símbolo de resistência e representatividade negra (OLIVEIRA, 2023; UFS, 2020). A atividade se apoiou na literatura infantil antirracista como ferramenta capaz de promover a autoestima, o pertencimento racial e a conscientização crítica das crianças desde os primeiros anos escolares.

O debate sobre educação e relações étnico-raciais é indispensável, pois o Brasil ainda reflete uma estrutura social marcada pelo racismo. A escola, como instituição formadora, muitas vezes reproduz essas desigualdades, seja nas práticas pedagógicas, nas representações culturais ou na ausência de referências positivas sobre a população negra nos materiais didáticos. Essa realidade reforça a necessidade de ações educativas que enfrentem o racismo estrutural e promovam a equidade racial, conforme previsto na Constituição Federal de 1988, na Lei nº 7.716/1989 e, principalmente, na Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar.

A alfabetização e o letramento, nesse contexto, assumem papel central. Segundo Soares (2003), alfabetizar e letrar são processos complementares que envolvem não apenas o domínio do código escrito, mas também a inserção dos sujeitos em práticas sociais de linguagem. Assim, alfabetizar é também reconhecer e valorizar as múltiplas identidades e culturas presentes na escola, compreendendo a leitura e a escrita como instrumentos de participação social e emancipação humana.

Para Candido (2012), a literatura é um direito humano essencial, pois estimula a imaginação, a sensibilidade e a criticidade. Quando utilizada com intencionalidade pedagógica, torna-se uma via potente para a formação da consciência social e para o respeito às diferenças. Nesse horizonte, o PIBID se destaca como espaço de articulação entre teoria e prática, incentivando o desenvolvimento de metodologias inovadoras, socialmente comprometidas e pedagogicamente transformadoras.

Dessa forma, este artigo tem por objetivo relatar e analisar a experiência pedagógica desenvolvida com base na narrativa da boneca Abayomi, destacando suas contribuições para o processo de alfabetização, letramento e valorização da identidade negra, além de evidenciar o





papel do PIBID na formação de futuros professores comprometidos com uma educação antirracista, equitativa e culturalmente significativa.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, por compreender que essa modalidade permite observar, interpretar e compreender os fenômenos educativos em seu contexto natural, valorizando os significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações e interações. Segundo Minayo (2010, p. 22), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”, o que a torna especialmente adequada a investigações que envolvem práticas pedagógicas e processos formativos. Nessa mesma perspectiva, Gil (2008) destaca que as pesquisas descritivas possibilitam não apenas o registro de fatos observáveis, mas também a interpretação crítica dos fenômenos, contribuindo para uma compreensão mais ampla das práticas educativas. Assim, a metodologia escolhida buscou compreender como uma experiência pedagógica lúdica pode contribuir para o ensino da leitura, da escrita e para a valorização da identidade negra no contexto da alfabetização.

A autora atuou como mediadora das atividades e pesquisadora do processo, assumindo uma postura de observação participante, na qual o pesquisador se insere no campo investigado, interagindo e construindo conhecimento junto aos sujeitos. Essa abordagem dialógica e reflexiva é defendida por Candau (2012), ao afirmar que o educador-pesquisador deve reconhecer-se como parte do processo de construção do saber, promovendo trocas significativas que envolvam escuta, diálogo e respeito à diversidade cultural.

Durante todo o processo, foram mantidos registros sistemáticos em diário de bordo e relatórios semanais, instrumentos que subsidiaram a análise dos dados coletados. Conforme indica Minayo (2010), o registro contínuo das observações é fundamental para garantir a confiabilidade da análise qualitativa, permitindo ao pesquisador interpretar os sentidos das ações educativas em sua complexidade.

A metodologia contemplou três etapas principais, planejadas de forma articulada e coerente com os objetivos do trabalho:

1. Contação de história: leitura de uma versão adaptada do conto da boneca Abayomi, elaborada pela autora, adequada à faixa etária dos alunos e acompanhada de mediação dialógica para favorecer a compreensão da narrativa e de seus valores simbólicos.
2. Oficina coletiva: confecção das bonecas com tiras de tecido, preservando a técnica tradicional, como forma de vivência estética e cultural da herança afro-brasileira.





3. Roda de conversa: momento de socialização das produções e reflexão sobre identidade, diversidade e enfrentamento ao racismo, estimulando a expressão oral, o respeito e a escuta ativa entre as crianças.

Esses procedimentos dialogam com Oliveira (2015), que propõe a utilização da Abayomi como estratégia de ensino-aprendizagem da história e cultura africana. De modo complementar, Melo e Bentinho (2022) destacam que oficinas dessa natureza favorecem reflexões sobre representatividade e valorização da cultura afro-brasileira, constituindo práticas educativas potentes para a formação da consciência crítica e cidadã.

Quanto aos aspectos éticos, por tratar-se de uma atividade pedagógica vinculada ao PIBID, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Entretanto, foram observados os princípios éticos da pesquisa em educação, garantindo o sigilo da identidade dos participantes e o respeito ao direito de imagem. As fotografias utilizadas no trabalho registram apenas as bonecas produzidas, não incluindo imagens das crianças, em conformidade com as orientações de Candau (2012) sobre a ética do cuidado e da escuta no ambiente educativo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica deste estudo articula, de forma dialógica, duas matrizes conceituais: (a) alfabetização e letramento numa perspectiva social e crítica; e (b) educação para as relações étnico-raciais mediada pela literatura infantil e práticas culturais. A articulação entre esses eixos permite transcendê-los como campos isolados, apontando para uma práxis pedagógica que considera a leitura e a escrita como práticas de pertencimento, poder e reconhecimento cultural.

No plano da alfabetização e do letramento, Soares (2003) oferece a distinção metodológica e conceitual que sustenta a intervenção: alfabetizar refere-se ao domínio do código escrito; letrar é inserir o sujeito nas práticas sociais de leitura e escrita. Essa perspectiva abre caminho para compreender que ensinar a decodificar letras é insuficiente se não se trabalha simultaneamente as práticas sociais que dão sentido ao texto — leitura de mundo e leitura da palavra andam juntas. Paulo Freire (1989) complementa e radicaliza essa noção ao defender que alfabetização é processo de humanização: ler o mundo precede a leitura da palavra e deve conduzir a uma consciência crítica capaz de transformar realidades. Assim, a alfabetização, vista à luz de Soares e Freire, torna-se uma prática política: formar





leitores que reconheçam e questionem as relações de poder presentes nos discursos e nas imagens, objetivando combater o racismo estrutural.

Nilma Lino Gomes (2005) e Cavalleiro (2011) aprofundam a dimensão política ao colocar a educação das relações étnico-raciais como eixo imprescindível na formação escolar. Gomes aponta que a escola precisa reconhecer suas omissões e adotar práticas intencionais que afirmem identidades negras; Cavalleiro destaca as marcas do racismo no cotidiano escolar e a urgência de estratégias que rompam o silêncio. Esses autores convergem na ideia de que o currículo e os recursos didáticos não são neutros: a presença (ou ausência) de representações negras nos materiais pedagógicos influencia diretamente o processo de afirmação identitária das crianças e a construção de uma cultura escolar democrática.

A literatura infantil, segundo Antonio Candido (2012), exerce função estética e formativa que ultrapassa a mera fruição narrativa: ela é espaço de sensibilidade, diálogo ético e construção de sentido. Quando mobilizada intencionalmente em projetos de educação étnico-racial, a literatura converte-se em ferramenta de reconhecimento e resistência. Candau (2012), ao tratar da educação intercultural, oferece importantes pistas metodológicas: práticas pedagógicas devem promover mediações culturais que dialoguem com saberes locais, escutem vozes diversas e fomentem processos de reconhecimento mútuo. Isso implica que a simples inclusão de um personagem negro não basta; é preciso trabalhar contextos, histórias, técnicas manuais e significados culturais que atribuam protagonismo às narrativas afro-brasileiras.

Nesse sentido, a boneca Abayomi, quando utilizada como um objeto pedagógico, articula memória, afetividade e saberes manuais: símbolo de resistência e de cuidado, permitindo trabalhar múltiplas linguagens, a narrativa, o fazer manual, a conversação coletiva e aproximá-las das práticas de alfabetização. Estudos e projetos como os indicados por Oliveira (2015; 2023) e pelo Projeto Abayomi da UFS (2020) mostram como a mobilização de objetos culturais pode favorecer a construção de sentido e a apropriação de valores. Ao envolver as crianças na confecção das bonecas, a prática incorpora o fazer como linguagem educativa, valorizando saberes tradicionais e fortalecendo a dimensão motora, simbólica e identitária do processo de ensino-aprendizagem.

Do ponto de vista da pesquisa educativa, a articulação entre os autores implica escolhas metodológicas específicas: privilegiar procedimentos qualitativos que capturem sentidos (Minayo, 2010), adotar a observação participante e registros contínuos (Gil, 2008), e assegurar ética e escuta atenta nas interações (Candau, 2012). Essas opções metodológicas legitimam a interpretação das falas das crianças, das dinâmicas de oficina e da roda de





conversa como evidências empíricas relevantes para a compreensão de processos de subjetivação e aprendizagem.

Finalmente, esse enquadramento teórico aponta para implicações práticas e investigativas: pedagogias antirracistas na alfabetização exigem currículos ativos, materiais culturalmente significativos e metodologias que integrem leitura, escrita e práticas socioculturais; demandam, ainda, formação inicial que sensibilize professores para o viés político do ato de alfabetizar. Em termos de pesquisa, o referencial sugere pistas para estudos longitudinais sobre os efeitos das práticas antirracistas na trajetória escolar e para investigações comparativas que avaliem diferentes recursos culturais como catalisadores do letramento crítico.

Em suma, o diálogo entre Soares, Freire, Gomes, Candido, Candau, Oliveira e demais referências sustenta a hipótese orientadora desta experiência: alfabetizar com justiça racial implica inserir, desde os anos iniciais, materiais e atividades que reconheçam e valorizem a cultura afro-brasileira, promovendo simultaneamente competência técnica e formação identitária crítica, com o objetivo central da intervenção com a boneca Abayomi.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos registros e observações realizadas durante a experiência possibilitou a identificação de três categorias analíticas que sintetizam os principais resultados do trabalho: (1) representatividade e identidade; (2) engajamento e aprendizagem significativa; e (3) consciência crítica e cidadania. Essas categorias emergiram da observação participante, dos relatos das crianças e dos registros reflexivos no diário de bordo, conforme orientam Minayo (2010) e Gil (2008), permitindo compreensões mais profundas sobre a prática pedagógica e seus impactos na formação das crianças.

4.1 Representatividade e identidade

Durante a contação da história, as crianças demonstraram curiosidade e encantamento diante da presença de personagens negros na narrativa. Uma das alunas exclamou: “Olha, a princesa é negra!”, evidenciando surpresa e alegria ao se deparar com uma representação positiva e incomum no repertório literário escolar. Esse episódio confirma a importância da representatividade na literatura infantil, que, conforme Cavalleiro (2011), é condição essencial para o desenvolvimento da autoestima e para a construção de relações igualitárias. Sob essa





perspectiva, Gomes (2005) defende que reconhecer e valorizar as identidades culturais no processo de alfabetização é um ato político e educativo. Assim, ao aproximar a narrativa da realidade das crianças, promoveu-se o pertencimento e a valorização da identidade negra, fortalecendo o vínculo entre literatura, memória e afetividade.

4.2 Engajamento e aprendizagem significativa

Durante a oficina de confecção das bonecas Abayomi, observou-se alto grau de envolvimento afetivo, autonomia e criatividade. As crianças interagiram, cooperaram entre si e demonstraram entusiasmo em cada etapa do processo. Uma delas afirmou: “A minha mãe é igual à princesa da história, ela também é forte e bonita”, revelando uma internalização simbólica de força e beleza associada à identidade negra.

Essa interação entre o fazer manual e o diálogo cultural reforça o conceito de aprendizagem significativa, conforme Freire (1989), que compreende o aprendizado como resultado da experiência vivida e compartilhada. Soares (2003) complementa ao afirmar que o letramento envolve práticas sociais de leitura e escrita que ganham sentido quando conectadas à realidade do sujeito. Dessa forma, a oficina configurou-se como um espaço de letramento social e cultural, no qual as crianças puderam experimentar a construção simbólica e afetiva da aprendizagem.

4.3 Consciência crítica e cidadania

Na roda de conversa que encerrou a atividade, emergiram reflexões espontâneas sobre respeito, igualdade e solidariedade. As crianças demonstraram empatia diante das histórias das mulheres africanas escravizadas e reconheceram a importância de tratar todos com dignidade. Essas manifestações refletem o desenvolvimento de uma consciência crítica inicial, conforme a concepção freireana (FREIRE, 1989), na qual o diálogo e a escuta promovem a formação de sujeitos participativos e sensíveis à justiça social. Ao mesmo tempo, a atividade revelou o potencial do PIBID para integrar ensino, pesquisa e extensão, formando futuros professores comprometidos com práticas pedagógicas antirracistas. Como destaca Candau (2012), a escola deve ser um espaço de mediação cultural, onde o diálogo e a diversidade se tornem princípios educativos.

Categoria Análítica	Evidências Empíricas	Interpretação Teórica
---------------------	----------------------	-----------------------





	(falas e observações)	
Representatividade e identidade	“Olha, a princesa é negra!”	A presença de personagens negros promove autoestima e pertencimento (Cavalleiro, 2011; Gomes, 2005).
Engajamento e aprendizagem significativa	“A minha mãe é igual à princesa da história, ela também é forte e bonita.”	A prática artesanal e simbólica favorece o letramento cultural e a aprendizagem significativa (Freire, 1989; Soares, 2003; Candau, 2012).
Consciência crítica e cidadania	Reflexão sobre respeito, igualdade e solidariedade.	O diálogo e a empatia despertam consciência crítica e ética nas relações (Freire, 1989; Candau, 2012).

Fonte: Elaboração da autora (2025).

Em síntese, a prática com a boneca Abayomi demonstrou ser uma proposta pedagógica potente, ao articular arte, cultura e valores humanos na formação das crianças. As três dimensões analisadas — representatividade, engajamento e consciência crítica — revelam que a educação antirracista pode e deve estar presente desde a alfabetização, transformando o espaço escolar em um território de resistência, diálogo e valorização da diversidade. Os resultados obtidos reforçam a pertinência de integrar práticas culturais e pedagógicas que potencializem o desenvolvimento integral e ético das crianças, contribuindo para a consolidação de uma educação democrática e plural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do PIBID, a partir do trabalho com a boneca Abayomi, demonstrou que é possível integrar alfabetização, letramento e educação para as relações étnico-raciais de maneira significativa, sensível e transformadora. A prática revelou que o uso de recursos pedagógicos culturalmente situados, quando articulados à





literatura infantil antirracista, contribui não apenas para o desenvolvimento da leitura e da escrita, mas também para a formação cidadã e o fortalecimento da identidade das crianças negras e não negras.

Os resultados evidenciam que a abordagem proposta favoreceu aprendizagens cognitivas, afetivas e sociais, em consonância com as concepções de Soares (2003) sobre o letramento como prática social e com Candido (2012), que defende a literatura como direito humano e instrumento de emancipação. Além disso, as reações e produções das crianças indicaram um processo de sensibilização para o respeito à diversidade, conforme apontam Gomes (2005) e Cavalleiro (2011), reafirmando a importância de inserir a temática étnico-racial desde os primeiros anos da escolarização.

No campo da formação docente, o projeto reforçou o papel do PIBID como espaço de experimentação e reflexão crítica sobre a prática pedagógica. Ao articular teoria e ação, o programa possibilitou que bolsistas e professores em formação reconhecessem a potência das narrativas africanas e afro-brasileiras como caminhos para uma educação inclusiva e socialmente comprometida.

Do ponto de vista científico e empírico, a experiência abre perspectivas para novas investigações sobre o impacto de metodologias antirracistas na alfabetização e no letramento. Recomenda-se a realização de estudos que explorem o uso de outros símbolos da cultura afro-brasileira como recursos didáticos, bem como análises de longo prazo sobre o desenvolvimento da identidade e do desempenho escolar das crianças envolvidas em práticas pedagógicas dessa natureza.

Em síntese, conclui-se que o ensino mediado por elementos culturais afro-brasileiros, como a boneca Abayomi, fortalece a construção de uma escola mais justa, plural e representativa. Essa experiência reafirma o compromisso ético e social da docência com a promoção da igualdade racial e a valorização da diversidade como princípios constitutivos de uma educação de qualidade, crítica e humanizadora.

REFERÊNCIAS

BENTO, Maria Aparecida Silva. *O pacto da branquitude*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BENTO, Maria Aparecida Silva; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *A criança negra: identidade, autoestima e educação*. São Paulo: Moderna, 2013.





BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Diário Oficial da União, Brasília, 06 jan. 1989.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a LDB para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012.

CANDAU, Vera Maria. *Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Nilma Lino. *Educação, identidade negra e formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MELO, Daniel; BENTINHO, Mônica. “Abayomi: ancestralidade e resistência”. *Revista Contextos Afro-brasileiros*, V. 4, N. 2, P. 45–60, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

OLIVEIRA, Ana Paula. “Abayomi e educação antirracista na infância: memórias e resistências”. *Cadernos de Educação e Diversidade*, V. 7, N. 1, P. 89–104, 2023.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

UFS – Universidade Federal de Sergipe. *Projeto Boneca Abayomi: memórias, identidade e resistência*. São Cristóvão: UFS, 2020.

